

## **ANÁLISE DA GERAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DO VALOR AGREGADO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: ESTUDO NO SETOR DE SERVIÇOS MÉDICOS E HOSPITALARES**

**Larissa Nunes da Costa**

Universidade de Brasília (UnB)

**Vanusa Rocha Barbosa**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR)

**Wanderson Galeno Silva**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAR)

### **RESUMO**

O objetivo da presente pesquisa é comparar o comportamento da geração e distribuição do valor agregado nas entidades atuantes no setor de Serviços Médicos e Hospitalares antes e durante a pandemia da COVID-19. A amostra da Pesquisa abrange as entidades atuantes no setor de Saúde, subsetor de Serviços Médicos e Hospitalares, listadas na Bolsa de Valores Brasileira. Logo, foi realizada coleta de dados mediante a técnica de Pesquisa Documental, aplicando-a nas Demonstrações do Valor Adicionado (DVA) divulgadas nos exercícios de 2018 a 2021. No que tange à análise de dados, foi empregada a estatística descritiva mediante índices percentuais indicativos da geração e distribuição de riqueza agregada. Os resultados indicam que a crise sanitária provocou mudanças no funcionamento regular das empresas prestadoras de serviços médicos e hospitalares, de modo que foram identificadas alavancagem na produção de riqueza agregada e redistribuição do valor adicionado entre os agentes financiadores.

**Palavras-chaves:** Demonstração do Valor Adicionado. Pandemia da COVID-19. Setor de Serviços Médicos e Hospitalares.

### **1 INTRODUÇÃO**

No contexto da valorização de dados confiáveis e transparentes, as informações sobre o desempenho das entidades e seu relacionamento com o ambiente externo auxiliam no processo de tomada de decisão dos usuários interessados nesses dados (LIMA; GÓIS; LUCA, 2015). Partindo desse pressuposto, a Contabilidade surge como um instrumento de evidenciação dos atos e fatos contábeis inerentes à performance empresarial, tendo sua aplicação por meio da apresentação de relatórios e demonstrativos que trazem à tona aspectos da estrutura e capacidade operacional das companhias (SILVA; CORREIA; SANTOS; SILVA, 2020).

Tais ferramentas promovem a transparência das informações corporativas, retratando os resultados financeiros e econômicos, perspectivas de ganhos em investimentos, governança e gestão de riscos das entidades (FERREIRA; MIRANDA; SANTOS, 2021). Assim, a ciência contábil possui papel central na divulgação de informações a partir da elaboração de demonstrativos que elevam a mediação entre a organização e os *stakeholders*, tendo como exemplo, a Demonstração do Valor Adicionado (DVA), caracterizando-se uma ferramenta para compreensão do desempenho organizacional no tocante à riqueza produzida (RODRIGUES; OLIVEIRA; SOUSA, 2020).

A DVA apresenta o processo de formação e distribuição do valor agregado da organização aos agentes – Governo, funcionários, financiadores externos e acionistas – que contribuíram com as atividades operacionais (SILVA; OLIVEIRA; GONZALES, 2021). A riqueza gerada destaca o relacionamento da entidade com os agentes ativos no ambiente de

mercado no qual está situada, conciliando aspectos sociais e econômicos entre a companhia e a sociedade (COSTA; GUIMARÃES; MELLO, 2013). Desse modo, a DVA é elencada como ferramenta para análise da responsabilidade social, de forma a explicar a participação empresarial para o progresso e desenvolvimento socioambiental (MARCELINO; SANTOS; GOUVEIA, 2021).

A DVA possui o diferencial de desmistificar a geração de riqueza interna bruta de uma entidade e a distribuição desse valor agregado aos agentes que financiaram as atividades empresariais (MAZZIONI *et al.*, 2020). Desse modo, revela-se como fonte de dados úteis em períodos de crise econômica, isto é, intervalos de tempo em que a economia reduz a geração, e respectiva distribuição, do valor adicionado, resultando na recessão econômica de um país (CARDOSO; TRISTÃO, 2021).

O Brasil já se deparou com diversos períodos de crise econômica (BASTOS, 2021; BATISTA; SANTIAGO; MACEDO, 2019; FERREIRA; MIRANDA; SANTOS, 2021; MORENO *et al.*, 2019; RESENDE; TERRA, 2020; SANTOS *et al.*, 2013). Não obstante, no final de 2019, o País e o mundo depararam-se com a ameaça da COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, que ocasionou uma crise sanitária em nível global na qual vários governos decretaram *lockdown* e incentivos à redução da aglomeração social com o objetivo de mitigar a propagação do vírus (ANJOS, 2021). No entanto, apesar das medidas governamentais – isolamento social e medidas de higienização – implementadas, o número de casos tomou grandes proporções, tornando o sistema de saúde sobrecarregado e necessário de serviços avançados (MEDEIROS, 2020).

Dentro dessa perspectiva, o setor de Serviços Médicos e Hospitalares, responsável pela linha de frente no combate à propagação do vírus e remediação dos infectados, teve que se adaptar ao aumento da demanda da situação emergencial vivida, alterando, para tanto, toda sua estrutura e conseqüentemente seus resultados (ARAUJO; BOHOMOL; TEIXEIRA, 2020). Tornou-se um período desafiador, uma vez que o administrador hospitalar buscava aliar uma boa performance econômica à prestação de seus serviços essenciais para satisfação das necessidades assistenciais e obtenção de ganhos econômicos (GOIS *et al.*, 2021). Desse modo, surge a necessidade desse setor em gerir a organização de maneira que possibilite não só um retorno sobre o investimento, como também a busca pela qualidade de seus serviços e melhoria em seus processos de interação com o cliente (KOHL; DEPNER, 2010 *apud* PINTO; NOSSA; TEIXEIRA, 2015).

Assim, sendo o setor de serviços médicos e hospitalares um dos mais atingidos pela pandemia e a DVA um demonstrativo que apresenta o comportamento da riqueza agregada em dado período, pergunta-se: **Como se deu o comportamento da geração e distribuição do valor agregado nas entidades atuantes no setor de Serviços Médicos e Hospitalares antes e durante à pandemia da COVID-19?**

Dessa maneira, esta pesquisa tem por objetivo comparar o comportamento da geração e distribuição do valor agregado nas entidades atuantes no setor de Serviços Médicos e Hospitalares antes e durante à pandemia da COVID-19.

A presente pesquisa justifica-se pela relevância do estudo da DVA no contexto de uma crise econômica, uma vez que traduz o financiamento social das atividades empresariais paralelamente ao enfrentamento das eventuais adversidades. Ademais, devido a existência de poucos trabalhos atuais, esse trabalho contribuirá para o avanço dos conhecimentos científicos acerca desta temática. Assim, verifica-se a necessidade de desdobrar-se sobre o comportamento do valor social gerado pelas companhias e seus efeitos no meio social e riqueza regional.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Demonstração do Valor Adicionado

De acordo com Silva, Oliveira e Gonzales (2021), a DVA é uma demonstração contábil destinada a evidenciar o valor econômico gerado pelo objeto social da empresa, resultante de um esforço coletivo e sua divisão entre os auxiliares dessa criação. Fernandes, Tavares e Azevedo (2018, p. 762) complementam que a DVA é retratada como “a vertente econômica do Balanço Social e como a vertente social das Demonstrações Contábeis”. Silva, Correia, Santos e Silva (2020) reforçam que as principais características são: demonstrar a renda agregada à sociedade no local situado, distribuir a riqueza entre os agentes econômicos envolvidos, além de publicar os fatos aos usuários em geral.

A DVA possui a competência de apresentar aos agentes econômicos a parcela da geração e distribuição da renda originada das principais atividades da companhia, sendo utilizada para auxiliar análises macroeconômicas e a formulação de políticas públicas. Os valores apresentados nessa demonstração são obtidos pela diferença entre o resultado das vendas e/ou prestação de serviços e os insumos adquiridos de terceiros durante determinado período. Portanto, o conteúdo da DVA centra-se na formação da riqueza econômica num espaço de tempo e sua repartição aos setores ou entidades envolvidas na formação dessa mesma riqueza (MOURA; PEREIRA; BEZERRA, 2020).

Na década de 70, apenas as grandes empresas europeias contavam com a DVA em seus relatórios (BATISTA; SANTIAGO; MACEDO, 2019). Entretanto, sua popularização se iniciou em 1975, no Reino Unido, com a publicação do *Corporate Report* pelo *Accounting Standards Steering Committee*. Essa publicação recomendava uma demonstração que evidenciasse a distribuição de riqueza entre seus colaboradores. Assim, em 1977, essa recomendação foi aceita pelo Governo do Reino Unido e a DVA passou a ser cada vez mais utilizada nas empresas (MACHADO; MACEDO; MACHADO, 2014).

No Brasil, a popularização dessa demonstração deu por meio de estudos feitos pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA – USP) (BATISTA; SANTIAGO; MACEDO, 2019). E apenas em 28 de dezembro de 2007 ocorreu a normatização da DVA no Brasil, pela promulgação da Lei nº 11.638, que alterou a Lei nº 6.404/1976, tornando o demonstrativo obrigatório para as Sociedades Anônimas de capital aberto. Outrossim, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), mediante Resolução CFC nº 1.138/2008, publica a Norma Brasileira de Contabilidade NBC TG 09 - Demonstração do Valor Adicionado e delega compulsoriedade na elaboração pelos profissionais de contabilidade em exercício a partir de sua publicação (CORSI, 2016).

Paralelamente, Mazzioni *et al.* (2020) explicitam a abrangência da DVA em relação a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) no tocante a satisfação de necessidades informacionais pelos usuários. Embora os dados que estruturam a DVA sejam extraídos da DRE, tais demonstrações não compartilham das mesmas evidenciações, haja vista que classificam de forma divergente os mesmos itens. Machado, Macedo e Machado (2015) apontam que os objetivos de tais demonstrações não são semelhantes, mas complementares, sendo que a DRE prioriza a formação do resultado líquido e a DVA atenta-se, em parte, à distribuição dessa riqueza aos detentores de capital.

Apesar de a DVA não elencar as demonstrações consideradas obrigatórias pelo *International Accounting Standards Board* (IASB), o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC), responsável pela coordenação da convergência das normas contábeis no Brasil, a trata como integrante dentre as demonstrações obrigatórias (SALOTTI; SANTOS, 2015). Assim, surge o Pronunciamento Técnico CPC 09 - Demonstração do Valor Adicionado para estabelecer os critérios de elaboração da DVA. Quanto à sua estrutura, segundo o CPC 09, essa

demonstração é dividida em duas partes: na primeira parte é evidenciada, de forma detalhada, os componentes da riqueza, tais como: receitas, insumos adquiridos de terceiros e valor adicionado recebido em transferência; na segunda parte é apresentado a distribuição da riqueza entre seus colaboradores - pessoal, governo, terceiros etc.

Atualmente, não há uma estrutura padronizada dessa demonstração, constando apenas três modelos no CPC 09 para: empresas em geral, instituições financeira e seguradoras (LONDERO; STANZANI; SANTOS, 2019). Dessa forma, as entidades mercantis (comerciais e industriais) e prestadoras de serviços devem utilizar o Modelo I de DVA. Por sua vez, as atividades específicas que envolvem intermediação financeira, exercidas basicamente por instituições financeiras bancárias, devem seguir o segundo Modelo II da DVA. Por fim, o Modelo III é direcionado para a utilização na elaboração e publicação do demonstrativo pelas empresas seguradoras e resseguradoras, sendo uma estrutura sugestiva definida pela Superintendência de Seguros Privados (Susep).

## 2.2 Setor de Serviços Médicos e Hospitalares e a Pandemia da COVID-19

O setor hospitalar, desde sua criação, é um dos mais importantes da área de saúde. (NASCIMENTO *et al.*, 2020). Essas organizações respondem por grande parte dos gastos no setor de saúde, tendo em vista que empregam profissionais de alta especialização, são utilizadas como centros de treinamento e se destacam como os principais ambientes de inovações tecnológicas no Brasil (AGUIAR; MENDES, 2016). Assim, essas organizações ganham destaque não só por potencializar o atendimento à saúde da população, mas também por influenciar fortemente a economia, até em períodos de crise (MIRANDA; MARTINS; OLIVEIRA, 2016).

A pandemia da COVID-19, considerada como a maior pandemia dos últimos 100 anos, foi responsável por colocar as organizações hospitalares em maior evidência e modificar seus resultados (MASSUDA; TASKA; MALIKI, 2020). Segundo relatório divulgado pela Confederação Nacional de Saúde (CNS), do Brasil, nos dois primeiros trimestres de 2020, as organizações hospitalares foram impactadas negativamente devido ao aumento de custos de insumos hospitalares, diminuição das receitas, diminuição de internações para cirurgias eletivas e aumento da contratação de novos funcionários por conta do afastamento de profissionais de saúde infectados.

Nesse sentido, dados divulgados pela Associação Nacional de Hospitais Particulares (ANHP, 2020) evidenciaram a diminuição de taxa de ocupação das organizações particulares no início da pandemia, conforme demonstrado na Tabela 1.

**Tabela 1.** Taxa de ocupação de leitos

<i>Período</i>	<i>Primeiro Trimestre</i>	<i>Segundo trimestre</i>
2019	76,20%	79,80%
2020	70,20%	59,40%

Fonte: Adaptado de ANHP (2020).

Tal situação foi decorrente, principalmente, do adiamento de cirurgias eletivas e do receio, ocasionado pelo desconhecimento acerca do vírus, dos usuários utilizarem os serviços hospitalares o que resultou na diminuição dos resultados das organizações no período (ANHP, 2020).

Paralelamente, o relatório da ANHP, divulgou que no segundo trimestre de 2020 a margem EBITDA – Lucros Antes de Juros, Impostos, Depreciação e Amortização – apresentava menores resultados quando comparado ao ano de 2019, sendo o segundo trimestre de 2020 marcado pelo menor resultado, segundo Tabela 2.

**Tabela 2.** Margem EBITDA

<i>Período</i>	<i>Primeiro trimestre</i>	<i>Segundo trimestre</i>	<i>Terceiro Trimestre</i>
2019	11,3%	14,6%	-
2020	8,3%	2%	11,9%

Fonte: Adaptado de ANHP (2020).

Entretanto, conforme Tabela 2, no penúltimo trimestre de 2020 a situação apresentada melhorou consideravelmente, visto que em outubro o índice já apresentava um resultado mais elevado, no entanto, tais resultados ainda eram inferiores ao auferido antes da pandemia da COVID-19 (ANHP, 2020).

Contudo, quando relacionado à situação de empregabilidade no setor privado, a cadeia produtiva apresentou crescimento. Conforme o relatório desenvolvido pelo Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS), em média, o total de empregos teve um crescimento considerável de 2020 para 2022, de acordo com a Tabela 3.

**Tabela 3.** Empregabilidade

2020 - 2021	2021-2022	2020-2022
5,80%	7,10%	13,30%

Fonte: Adaptado de IESS (2022).

Desse modo, enquanto no começo da pandemia as organizações hospitalares tiveram desenvolvimento negativo, a partir do final de 2020 os hospitais privados obtiveram maior estabilidade.

### 2.3 Pesquisas Anteriores

Foram encontradas pesquisas anteriores que analisaram, por meio da DVA, a geração e distribuição da riqueza produzida em períodos e setores distintos, conforme o Quadro 1.

**Quadro 1.** Pesquisas anteriores

<b>Autores</b>	<b>Setor / empresa</b>	<b>Período analisado</b>	<b>Objetivos</b>
Miranda <i>et al.</i> (2002)	Setor Elétrico Brasileiro	1999 – 2000	Investigar como o setor elétrico brasileiro está evidenciando a Demonstração do Valor Adicionado.
Cunha, Ribeiro e Santos (2005)	Empresas do cadastro FIPECAFI	1999 – 2003	Avaliar o poder de aferição representado pela DVA no que concerne a informações sobre a formação de riqueza pelas empresas e sua distribuição aos agentes econômicos que ajudaram a criá-la, como proprietários, sócios e acionistas, governo, financiadores externos e empregados
Almeida <i>et al.</i> (2009)	Petrobras	1998 – 2007	Verificar a capacidade de produção e distribuição de riqueza entre os <i>stakeholders</i> da PETROBRAS.
Bosco e Bispo (2010)	Setores de Serviço, Comércio e Indústria	1977 – 2006	Verificar se há diferença na forma como é distribuída nos setores de comércio, indústria e serviço aos empregados, governos, credores e acionistas.
Lima, Góis e Luca (2015)	Empresas listadas na BM&FBovespa	2012	Analisar a associação entre a distribuição do valor adicionado e a identidade do acionista majoritário nas empresas listadas na BM&FBovespa
Silva Junior <i>et al.</i> (2017)	Setor Educacional	2010 – 2015	Analisar a geração e distribuição da riqueza nas Instituições de Educação Superior (IES) brasileiras configuradas como companhias abertas listadas na Bolsa Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo

			(BM&FBovespa).
Mazzioni <i>et al.</i> (2020)	Empresas listadas na B3 com situação ativa em 31/12/2016	2010 – 2016	Analisar a influência das características organizacionais na forma de distribuição da riqueza gerada aos agentes econômicos das empresas abertas listadas na B3.
Silva <i>et al.</i> (2018)	Setor Alimentício Cearense	2008 – 2014	Evidenciar seu desenvolvimento nos anos de 2008 a 2014 do seu valor adicionado e seu percentual de adição com relação a seu PL, Lucro Líquido e Ativos Totais.
Londero, Stanzani e Santos (2019)	Empresas da lista “Melhores e Maiores”	2010 – 2016	Avaliar a criação de riqueza pelas cooperativas agropecuárias brasileiras e a sua distribuição aos agentes econômicos que ajudaram a criá-la, comparando o processo com as empresas de finalidade lucrativa.
Moreno <i>et al.</i> (2019)	Setor de Construção do Brasil	2011 – 2016	Comparar dados das empresas analisadas em período de crise econômica.
Hosser <i>et al.</i> (2020)	Empresas dos Níveis de Governança 1 e 2 da B3	2015 – 2017	Verificar como as empresas distribuem suas riquezas entre colaboradores, governo, remuneração de capital de terceiros e capital próprio.
Rodrigues, Oliveira e Sousa (2020)	Setor Petrolífero Brasileiro	2013 – 2017	Analisar a forma como ocorreu a distribuição da riqueza gerada pelas empresas petrolíferas do segmento de exploração, refino e distribuição, listadas na B3.
Silva, Ribeiro, Fernandes e Silveira (2020)	Setor de Seguros Brasileiro	2015 – 2017	Apresentar a geração e a distribuição do valor adicionado gerado pelas organizações de capital aberto segmentadas como seguradoras e listadas na B3.
Silva, Oliveira e Gonzales (2021)	Setor do Agronegócio	2017 – 2018	Enfatizar a relevância da informação contábil e como esta riqueza é distribuída para a sociedade como um todo, tendo como objetivo analisar a distribuição da riqueza gerada pelas entidades dos diversos setores da economia brasileira no biênio 2017 e 2018, inseridos no contexto do agronegócio.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Acerca do comportamento da geração de riqueza, Silva, Ribeiro, Fernandes e Silveira (2020) apontam crescimento médio de 17% no mercado segurador brasileiro no período 2015-2017. Por outro lado, Silva *et al.* (2018) apontam variação no valor adicionado total a distribuir na amostra analisada, apresentando evolução e decréscimo dentre os resultados das entidades do Setor Alimentício cearense no período 2008-2014.

No tocante a distribuição para Pessoal, Silva Junior *et al.* (2017) apontam aumento na distribuição de renda em suas análises no Setor Educacional de Ensino Superior no período de 2010 a 2015. O percentual médio do total do valor adicionado a distribuir é de 51,3%, totalizando 3,6 bilhões a serem transferidos a docentes, técnicos-administrativos e gestores universitários. Ademais, Londero, Stanzani e Santos (2019) destacam que as Cooperativas e demais entidades atuantes do Agronegócio dedicam maiores percentuais do valor adicionado produzido ao Pessoal no período de 2010 a 2016. De maneira semelhante, Silva, Oliveira e Gonzales (2021) apontam que no Setor do Agronegócio brasileiro os funcionários são os maiores beneficiários da repartição da riqueza no biênio 2017-2018, correspondendo com aproximadamente 50,4% da riqueza total distribuída.

No que se refere aos valores distribuídos ao ente estatal, os estudos da DVA no Setor de

Energia Elétrica de Miranda *et al.* (2002) destacam que aproximadamente metade da riqueza produzida pelo setor é destinada ao Governo nos anos de 1999-2000. Outrossim, Almeida *et al.* (2009) realizaram um estudo de caso na Petróleo Brasileiro S.A. (PETROBRAS) no intervalo de 1998-2007 e constataram que, em média, 59,3% da riqueza total é destinada ao Governo na forma de impostos, taxas e contribuições. De maneira semelhante, Rodrigues, Oliveira e Sousa (2020) apresentam que, a partir de um estudo abrangente nas principais entidades atuantes no Setor Petrolífero brasileiro, o Governo foi o maior beneficiário de valor adicionado distribuído nos anos de 2013 a 2017. A média de distribuição no período foi de 59,7% dentre as entidades analisadas.

Acerca da remuneração do capital de terceiros, Cunha, Ribeiro e Santos (2005) demonstram que do total de valor adicionado a ser distribuído no período de 1999-2003, o setor de serviços destina 35,9% a terceiros, apresentando-se como o maior percentual médio de distribuição de renda. Posteriormente, Boscov e Bispo (2010) apontam que dentre os setores industrial, de serviços e comércio nos anos de 1997-2006, o setor de entidades prestadoras de serviços apresenta-se com o maior percentual de distribuição de valor agregado aos financiadores de capital, haja vista que transfere a terceiros montantes relevantes na forma de juros e aluguéis. Moreno *et al.* (2019) procuram evidenciar a distribuição de valor no Setor de Construção Civil no período 2011-2016, momento acometido por uma crise econômica, e concluíram que houve aumento de 11%, sugerindo um maior nível de endividamento no setor.

Tratando-se da remuneração de capital próprio, Lima, Góis e Luca (2015) contemplaram os resultados das entidades listadas na B3 por setor de atividade no exercício de 2012, constatando que os setores de Bens Industriais, Construção e Transporte, Consumo Cíclico, Consumo Não Cíclico, Financeiro e Outros, Telecomunicações e Utilidade Pública apresentaram maiores repartições de suas riquezas para remuneração de capital próprio, variando entre 47,1% e 50,2%. No entanto, Mazzioni *et al.* (2020) expressam que, no período de 2010 a 2016, os setores econômicos de Bens Industriais, Consumo Cíclico, Consumo Não Cíclico, Materiais Básicos, Petróleo, Gás e Biocombustível, Saúde, Tecnologia da Informação, Telecomunicações e Utilidade Pública apresentaram o menor índice na distribuição média de renda agregada aos sócios e acionistas. Posteriormente, Hosser *et al.* (2020) realizaram a análise da DVA por categoria econômica destacada na B3 entre 2015-2017, constatando que o Setor Financeiro lidera o maior volume de distribuição de renda a acionistas.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Unidade de Análise População e Amostra

A seguinte pesquisa avaliou a geração e distribuição de valor adicionado de empresas atuantes do setor médico e hospitalar brasileiro que possuem as seguintes características: i) elaborar a DVA; ii) constituir-se na forma de Sociedade Anônima de capital aberto; iii) ter divulgado, no meio eletrônico, a DVA durante os anos de 2018 a 2021. O setor de Saúde, subsetor Serviços Médico-Hospitalares, Análises e Diagnósticos apresenta 11 entidades listadas no sítio da B3, contudo foram elencadas apenas nove empresas do subsetor, haja vista que atendem aos critérios predefinidos.

Ademais, a fim de permitir a análise dos dados da pesquisa sem a manifestação de vieses e juízos de valor, os montantes relativos à companhia “Rede Dor São Luiz S.A.” foram isolados e retirados dos cálculos dos Indicadores de Participação (Figura 2) e Relacionamento (Figura 3) do Valor Adicionado por representarem *outliers* dentre os resultados obtidos.

Logo, a amostra da pesquisa é composta pelas empresas listadas conforme Quadro 2.

**Quadro 2.** Amostra da pesquisa

Razão Social	Nome do Pregão	Atividade Principal
Centro de Imagem Diagnósticos S.A.	ALLIAR	Prestação de serviços de medicina diagnóstica.
Diagnósticos da América S.A.	DASA	Análises Clínicas e Medicina Diagnóstica
Fleury S.A.	FLEURY	Prestação de serviços médicos e medicina diagnóstica; Consultoria, assessoria, cursos, gestão de doenças crônicas; Pesquisa e desenvolvimento; Prestação de serviços a terceiros
Hapvida Participações e Investimentos S.A.	HAPVIDA	Participação, como sócia ou acionista, em outras empresas, predominantemente de assistência médica, bem como a realização de investimentos diretos e a exploração de atividades de prestação de serviços.
Instituto Hermes Pardini S.A.	IHPARDINI	Prestação de serviços de medicina diagnóstica.
Odontoprev S.A.	ODONTOPREV	Operadora de planos odontológicos.
Oncoclinicas do Brasil Serviços, Médicos S.A.	ONCOCLINICAS	Exploração de serviços médicos, participação em outras sociedades, nacionais ou estrangeiras, pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais, intermediação em pesquisa clínica.
Qualicrop Consultoria e Corretora de Seguros S.A.	QUALICORP	Prestação de serviços e gestão de benefícios de assistência à saúde.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Para a pesquisa foi utilizada como amostra oito empresas do subsetor médico e hospitalar brasileiro que divulgaram suas demonstrações no sítio oficial da B3, comparando seu desempenho entre o biênio anterior e durante a pandemia da COVID-19.

### 3.2 Coleta dos dados

A coleta de dados ocorreu mediante técnica de Pesquisa Documental, aplicando-a nas demonstrações contábeis consolidadas divulgadas nos exercícios de 2018 a 2021, disponíveis no site da B3. Especificamente, foi observada e analisada a DVA em seu aspecto quantitativo acerca da geração e distribuição do valor agregado da companhia. Logo, foram expostos os principais componentes de construção da riqueza e para quais agentes e em qual proporção a renda foi parcelada. Outrossim, a coleta de dados ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2022 no sítio oficial da B3, registrando-os no software Microsoft Excel® para posterior análise.

### 3.3 Análise dos dados

Para análise dos dados extraídos das DVA's das entidades em estudo foi empregada a estatística descritiva mediante utilização índices percentuais indicativos da geração e distribuição de riqueza agregada, de acordo com os Quadros 3 e 4.

Os Indicadores empregados na análise quantitativa demonstram o percentual de cada

montante distribuído aos interessados na repartição de riqueza frente à riqueza total distribuída. Nesse sentido, tem-se que o indicador Participação de Empregados no Valor Adicionado (PEVA) representa o percentual de riqueza distribuído aos funcionários da companhia na forma de remuneração, salários e outros benefícios. Outrossim, o indicador Participação de Governos no Valor Adicionado (PGVA) identifica o percentual de riqueza produzida pela companhia e repartida ao Governo na forma de impostos, taxas e contribuições (federais, estaduais e municipais). Ademais, a Participação de Terceiros no Valor Adicionado (PTVA) objetiva demonstrar a parcela da riqueza distribuída ao capital de terceiros, na forma de aluguéis, juros etc. Por fim, a Participação de Acionistas no Valor Adicionado (PAVA) aponta a parcela da riqueza distribuída ao capital próprio, evidenciado através de dividendos, juros sobre o capital próprio e lucros retidos.

Logo, Marcelino, Santos e Gouveia (2021) apresentam índices que demonstram a participação de cada parcela do valor agregado a ser destinada aos agentes interessados diante do montante de valor adicionado total a ser distribuído, de acordo com o Quadro 3.

**Quadro 3.** Fórmulas de indicadores de participação no valor adicionado

INDICADOR	FÓRMULA	VARIÁVEIS
Participação de Empregados no Valor Adicionado (PEVA)	$VADE/VAT \times 100\% = PEVA$	VADE= Valor adicionado distribuído aos empregados; VAT= Valor adicionado total a distribuir
Participação de Governos no Valor Adicionado (PGVA)	$VADG/VAT \times 100\% = PGVA$	VADG= Valor adicionado distribuído aos governos; VAT= Valor adicionado total a distribuir
Participação de Terceiros no Valor Adicionado (PTVA)	$VADT/VAT \times 100\% = PTVA$	VADT= Valor adicionado distribuído a terceiros; VAT= Valor adicionado total a distribuir
Participação de Acionistas no Valor Adicionado (PAVA)	$VADA/VAT \times 100\% = PAVA$	VADA= Valor adicionado distribuído aos acionistas; VAT= Valor adicionado total a distribuir

Fonte: Adaptado de MARCELINO; SANTOS; GOUVEIA (2021).

No Quadro 4 constam os índices de relacionamento do Valor adicionado que serão utilizados para análise. O Grau de Valor Adicionado Bruto em relação à Receita (GVAR) tem por função indicar o quanto a receita do período contribuiu para agregar o valor adicionado bruto. O Grau de Produção de Riqueza Própria (GPRP), por sua vez, é utilizado para calcular o grau de formação do valor adicionado produzido pelas principais atividades da entidade, desconsiderando a riqueza recebida de terceiros. Já o Grau de Produção de Riqueza Própria (GRRT) indica o grau em que os montantes de valor adicionado produzido por terceiros são transferidos à companhia. Por fim, o Percentual de Retenção do Valor Adicionado (PRVA) representa o percentual de valor agregado retido pela companhia na forma de lucro residual e/ou formação de reservas.

**Quadro 4.** Fórmula dos indicadores de relacionamento do valor adicionado

INDICADOR	FÓRMULA	VARIÁVEIS
Grau de Valor Adicionado Bruto em relação à Receita (GVAR)	$VAB/RECEITA \times 100\% = GVAR$	VAB= Valor adicionado bruto
Grau de Produção de Riqueza Própria (GPRP)	$VALPE/VATD \times 100\% = PEVA$	VALPE= Valor adicionado a distribuir proveniente da produção da empresa; VATD= Valor adicionado total a distribuir

Grau de Recebimento de Riqueza por Transferência (GRRT)	$VART/VATD \times 100\% = GRRT$	VART= Valor adicionado proveniente de recebimentos de terceiros; VATD= Valor adicionado total a distribuir
Percentual de Retenção do Valor Adicionado (PRVA)	$LR/VATD \times 100\% = PRVA$	LR= Valor adicionado retido pela empresa; VATD= Valor adicionado total a distribuir

Fonte: Adaptado de ALMEIDA *et al.* (2009).

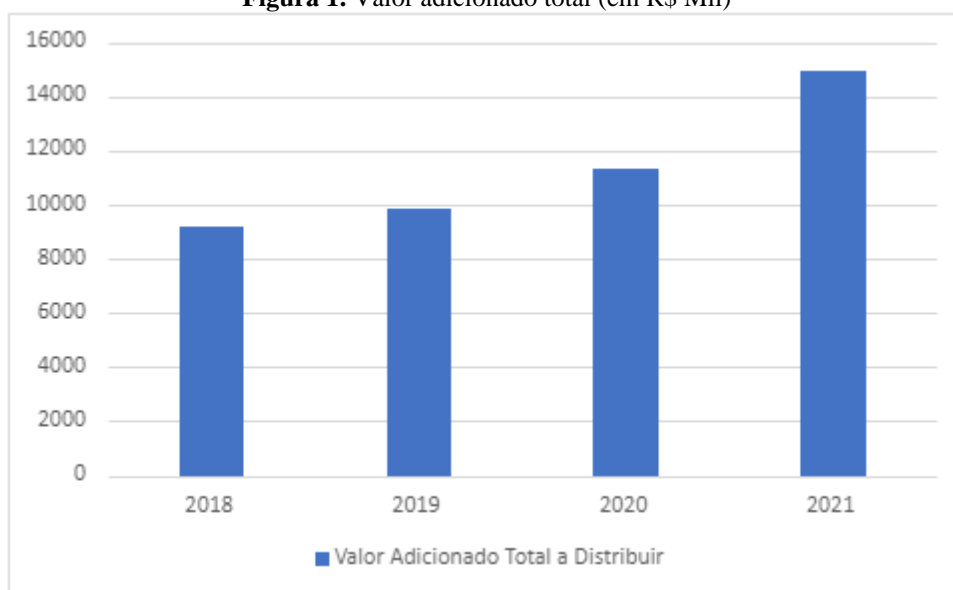
Outrossim, Almeida *et al.* (2009) expressam índices sobre dados complementares que direcionam a análise da DVA para identificação da capacidade da entidade em produzir riqueza, o montante de renda construído por terceiros e transferido à companhia, como também o quanto de valor agregado é constituído na forma de lucros ou constituição de reservas, conforme evidenciado no Quadro 4.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos achados da pesquisa é realizada de acordo medidas estatísticas e recursos gráficos que representam a Geração de Valor Adicionado (Figura 1), Indicadores de Participação (Figura 2) e Indicadores de Relacionamento (Figura 3).

A Figura 1 denota o comportamento da geração de valor adicionado no subsetor de Serviços Médicos e Hospitalares para o período em estudo.

**Figura 1.** Valor adicionado total (em R\$ Mil)

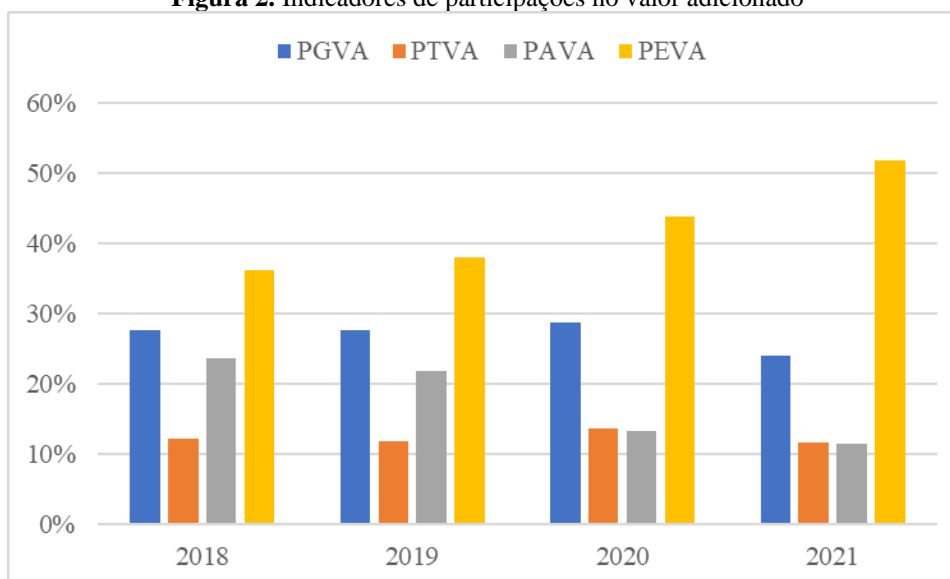


Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Nota-se que ocorre aumento na geração de renda conforme o decorrer dos anos, tendo destaque para o exercício de 2021 com maior valor monetário. Tal geração é resultado, em sua maioria, dos efeitos socioeconômicos incorridos nos ambientes interno e externos à organização, que por sua vez, contribuem de forma divergente para cada tipo de atividade empresarial exercida.

A seguir demonstra-se, por meio da Figura 2, como a riqueza produzida pelo setor foi distribuída durante o período pré-pandêmico e pandêmico.

**Figura 2.** Indicadores de participações no valor adicionado



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Conforme a Figura 2, depreende-se que a remuneração dos empregados obteve a maior parcela em todos os anos analisados. Em seguida, inferi que a segunda maior parcela foi destinada ao governo durante todo o quadriênio. A remuneração dos acionistas na terceira posição nos dois primeiros anos estudados, obtendo nos dois últimos anos a quarta posição, e por fim, a remuneração de terceiros em último lugar durante o biênio pré-pandêmico e em terceiro lugar durante os últimos anos analisados.

Analisando o índice PEVA, infere-se um acréscimo ao longo dos anos. Enquanto no biênio pré-pandêmico o índice oscilava entre 36% e 38%, nos dois primeiros anos da pandemia esse índice evoluiu, chegando a 52% em 2021, ou seja, o setor teve mais gastos com remuneração, salário, gratificações, entre outros. Aparentemente esse fator pode ser explicado pela maior necessidade de contratações no decorrer da pandemia da COVID-19, o que se relaciona com as pesquisas desenvolvidas pelo IESS (2022) que evidenciavam uma maior taxa de empregabilidade.

A despeito desses resultados, observa-se também uma convergência com os estudos de Silva Junior *et al.* (2017) que, ao analisarem a distribuição de riqueza no setor de ensino superior, constataram que a maior parcela é destinada aos funcionários, uma vez que há uma grande necessidade de pessoal nesse setor. Desse modo, observa-se que o índice PEVA predomina de acordo com a natureza de atividade.

Referente aos recursos financeiros transferidos ao governo, nota-se um pequeno acréscimo nos anos de 2018 a 2020, seguido por uma redução no segundo ano de pandemia, ressaltando uma diminuição do recolhimento de impostos, taxas e contribuições pelo governo. Compatibilizando com estudos de Silva *et al.* (2018) que destacaram que a parcela destinada ao governo não foi constante em todos os anos analisados.

No entanto, apesar dessa redução, o governo ainda adquiriu a segunda maior parcela do montante financeiro do setor durante todo o período. Consenza (2003) afirma que o governo também contribui para a geração de riqueza da empresa, pois a apoia por meio de incentivos fiscais, subvenções etc., logo, a depender da carga tributária do setor o governo absorveria parte significativa do montante, como demonstrado por Rodrigues, Oliveira e Sousa (2020).

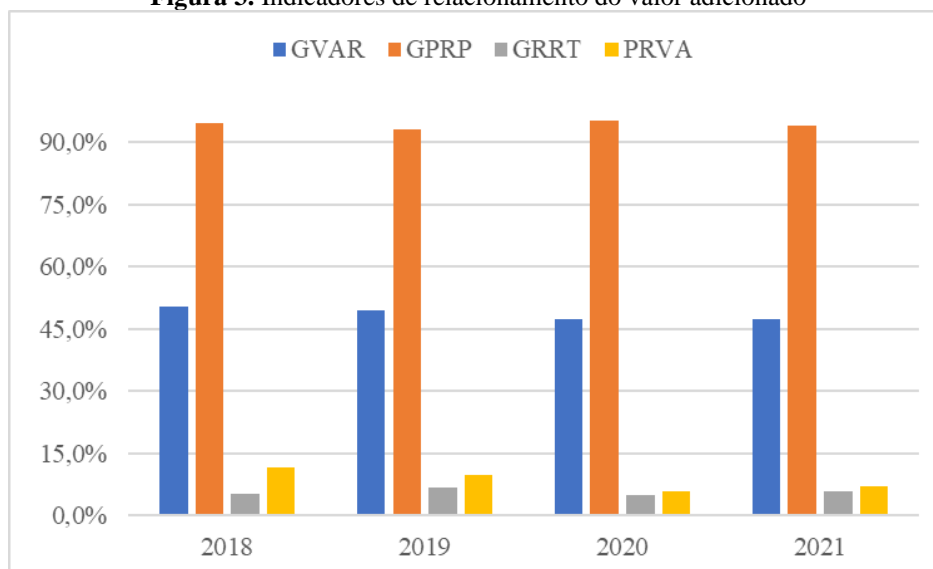
Quanto ao índice de destinação de riqueza aos acionistas, infere-se que durante o quadriênio seu desempenho foi decrescente, assumindo a menor posição durante a pandemia. Dessa maneira, nota-se uma relação com os resultados auferidos por meio do relatório da ANHP

(2020). Ademais, Mazionni *et al.* (2020) evidenciaram resultado semelhante, visto que em seus estudos os acionistas possuíam a menor parcela da riqueza, ocorrendo o mesmo com Miranda *et al.* (2002) e Almeida *et al.* (2008). O que diverge com a ideia de que os acionistas obtêm a maior parte dos recursos gerados pela entidade.

Por fim, temos o índice de participação de terceiros, referente ao pagamento de juros, alugueis, empréstimos, financiamentos etc. Conforme a Figura 2, o índice PTVA foi o que mais oscilou durante todo o período, possuindo maior desempenho em 2020. Essa situação provavelmente advém da impossibilidade da pandemia e, conseqüentemente, da maior necessidade de se reestabelecer, tendo que recorrer a capitais externos. No entanto, apesar da situação, no segundo ano da pandemia o índice PTVA voltou a obter o menor desempenho. Contrariando pesquisas de Cunha, Ribeiro e Santos (2005) no qual destacaram uma maior participação do capital de terceiros durante suas pesquisas.

A Figura 3 divulga os resultados dos índices que objetivam complementar a avaliação dos componentes da DVA considerando elementos como Receita Bruta, Valor Adicionado Bruto, Riqueza produzida e recebida em transferência, e Lucros/Prejuízos retidos para o setor de saúde, subsetor de Serviços Médicos e Hospitalares, no período estudado.

**Figura 3.** Indicadores de relacionamento do valor adicionado



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Ao longo do tempo, o índice GVAR revela decréscimo em seus resultados, apontando que o setor de saúde vem diminuindo a conversão de receita bruta em valor adicionado bruto. Miranda *et al.* (2002) identificam evolução do valor adicionado bruto, porém percebeu-se elevado progresso nos montantes de insumos adquiridos de terceiros nos anos pesquisados, de modo que os quocientes convergem dentre os setores de construção civil e saúde. Portanto, os dados expõem que menos da metade do faturamento bruto é transformado em riqueza bruta, haja vista que ocorre aumento nos valores de insumos adquiridos de terceiros, isto é, evolução dos elementos que interferem na obtenção do VAB.

Ademais, o comportamento do indicador pode ser desmistificado de acordo com a variabilidade da receita, ocasionada pelos efeitos de fatores externos às entidades. Nesse sentido, Londero, Stanzani e Santos (2019) complementam que a variação do VAB pode ser explicada não só pela evolução de insumos adquiridos de terceiros, mas também por variáveis ambientais e macroeconômicas inerentes ao setor de atuação. Logo, aponta-se a possibilidade de relação entre a pandemia da COVID-19 e os resultados do índice em 2020 e 2021, uma vez que eventos climáticos e político-econômicos acarretaram a diminuição da receita das entidades

cooperativas agropecuárias nos anos de 2012, 2014 e 2016, conforme dispõem os autores.

Outrossim, é perceptível a volatilidade da produção de riqueza própria pelo setor no período avaliado, haja vista que se caracteriza como elemento originado pelas atividades principais das companhias. Os resultados do índice GPRP indicam conformidade com as conclusões de Rodrigues, Oliveira e Santos (2020) no que tange à capacidade do setor em gerar renda pela sua própria performance. Na maioria dos anos estudados, os autores destacam que o setor petrolífero produz em maiores proporções o valor adicionado total por si só, enquanto a Figura 3 demonstra comportamento equivalente para o setor de saúde, subsetor de Serviços Médicos e Hospitalares. De mesmo modo, a pesquisa dos autores revela queda de riqueza própria produzida em todo o período observado (2013-2017), ao passo que este estudo relata crescimento para os anos em estudo.

Os quocientes obtidos por esse índice ocasionam volatilidade de desfechos conquistados pelo indicador GRRT, haja vista que oscilam positiva e negativamente no espaço de tempo anterior e durante a pandemia do Coronavírus para o subsetor de saúde em análise. Nesse contexto, Silva *et al.* (2018) apontam que o GRRT tende a representar as transferências de riqueza produzida por terceiros que agregam a formação de valor adicionado das companhias atuantes no setor alimentício cearense. Suas conclusões revelam que tais entidades tendem a aumentar e diminuir a quantidade de renda recebida, uma vez que seu desempenho está exposto a fatores externos. Nesse contexto, este estudo alinha-se às disposições desses autores no que tange à variabilidade no comportamento do setor em receber valor adicionado a partir das receitas de vendas e serviços alcançadas por outras entidades.

Por fim, o indicador PRVA designa a parcela de lucro/prejuízo em relação ao total de valor adicionado que é retida pela entidade no respectivo período. A Figura 3 exibe regressão nos resultados de 2018 a 2020, ocorrendo aumento no exercício de 2021. Nessa perspectiva, Silva, Ribeiro, Fernandes e Silveira (2020) descrevem que o setor segurador brasileiro retém lucros menos da metade de toda a riqueza produzida ao longo de 2015 a 2017, enquanto o setor de saúde conserva ganhos e prejuízos em menos de 10% de 2018 a 2021. De maneira complementar, Boscov e Bispo (2010) incrementam que a distribuição de riqueza gerada e retida por entidades atuantes nos segmentos de comércio, indústria e serviços é significativamente diferente, o que explica a divergência de conclusões entre este estudo e as pesquisas relacionadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi comparar o comportamento da geração e distribuição do valor agregado nas entidades atuantes no setor de serviços Médicos e Hospitalares antes e durante à pandemia da COVID-19. A amostra da pesquisa foi representada por oito empresas listadas na B3 que divulgaram suas demonstrações contábeis padronizadas no período de 2018 a 2021. A coleta de dados deu-se mediante Pesquisa Documental, uma vez que foram recolhidas as DVA's das entidades que compõem a amostra, sendo coletadas nos meses de agosto e setembro de 2022. Por sua vez, os dados foram analisados sob o emprego da estatística descritiva, operacionalizada na forma de índices percentuais indicativos da geração e distribuição de riqueza agregada, possibilitando a apresentação dos resultados mediante representação gráfica.

Com base nas análises supramencionadas, os resultados apontam que houve um acréscimo na geração de riqueza durante todo o período analisado, obtendo melhor desempenho no decorrer da pandemia. Portanto, a contexto socioeconômico gerado pela pandemia foi benéfico para alavancar a geração de riqueza das companhias do setor.

Adicionalmente, no que tange ao repasse de valor agregado destinada aos funcionários das entidades em análise, as apurações descrevem que os empregados conquistaram a maior

parcela do montante da riqueza do setor, sendo também, o que mais obteve acréscimo durante todo o quadriênio. A partir disso, conclui-se que o setor investiu mais na contratação de empregados no decorrer da análise e que a pandemia contribuiu para isso. No biênio antes da pandemia o setor não havia destinado a maior parcela de seus recursos ao governo e o contexto pandêmico não inverteu esse resultado, embora este tenha sido o adquirente da segunda maior parcela da riqueza durante o todo o quadriênio.

Em relação a distribuição de valor agregado na forma de remuneração de Capitais Próprios, os resultados denotam decréscimo na destinação de riqueza aos acionistas, obtendo o menor desempenho no decorrer da pandemia. Em decorrência, aponta-se que contexto socioeconômico gerado pela pandemia não favoreceu a arrecadação de riqueza pelos acionistas. De maneira semelhante, os quocientes revelam que Capitais de Terceiros oscilou entre a terceira e quarta maior parcela. Assim, nota-se que os recursos de terceiros financiaram em menor escala a produção de renda agregada e, conseqüentemente, foi beneficiário de forma equivalente.

Logo, a pergunta da pesquisa: “Como se deu o comportamento da geração e distribuição do valor agregado nas entidades atuantes no setor de serviços Médicos e Hospitalares antes e durante à pandemia da COVID-19?” foi respondida da forma como segue: (i) A geração do valor agregado nas entidades atuantes no setor de serviços Médicos e Hospitalares deu-se (a) de forma positiva antes da crise sanitária e (b) de maneira positiva e alavancada para o período referente à pandemia; (ii) A distribuição do valor agregado pelas entidades supracitadas anteriormente à crise deu-se (c) de maneira positiva, tendo como maior beneficiário o grupo “Pessoal”, em contrapartida ao financiador “Capital de Terceiros” que apresentou-se como menor beneficiário no referido biênio, além de que (d) “Governo” e “Capital Próprio” configuram-se em segundo e terceiro lugar, respectivamente; (iii) A distribuição do valor agregado durante o período pandêmico deu-se (e) de forma positiva para o grupo “Pessoal”, de forma a evoluir e permanecer como maior beneficiário, em contraponto ao grupo “Capital Próprio”, que registrou queda no período e apresentou-se como menor beneficiário, e (f) mediante decréscimo para “Governo” e “Capitais de Terceiros”, que contaram com o segundo e terceiro lugar, respectivamente. Assim, o contexto socioeconômico da crise sanitária permitiu a expansão da geração de valor agregado, porém provocou alterações na distribuição dessa riqueza aos agentes participantes da sua produção.

O presente trabalho contribui teoricamente para a literatura científica a partir do desenvolvimento do tema, diante da escassez de discussões em volta da geração e distribuição de valor agregado em empresas atuantes no setor de saúde. Ademais, esta pesquisa contribui, sob uma ótica gerencial, para a análise econômica de investimentos em saúde, uma vez que explícita as políticas de partilha de valor adicionado aos agentes econômicos que financiaram sua produção, paralelamente aos desafios oriundos de uma crise sanitária em escala nacional e global. Destarte, esta pesquisa sugere que a crise sanitária provocou mudanças no funcionamento regular das empresas prestadoras de serviços de saúde, de modo que foram identificadas oportunidades na produção de riqueza agregada e desafios na conseqüente repartição entre os agentes financiadores.

Quanto às limitações, a pesquisa destaca a ausência de estudos referentes à análise de Demonstrações Contábeis de companhias do setor de saúde, bem como subsector de Serviços Médicos e Hospitalares. Tal limitação é reforçada quando levantados os estudos que observam e analisam o conteúdo da DVA nos setores específicos da economia brasileira, em especial o setor de Serviços Médicos e Hospitalares. Outrossim, salienta-se que a pesquisa utilizou uma amostra de nove entidades atuantes no setor, definidas mediante critérios preestabelecidos, de forma a não representar o comportamento consolidado do setor, em sua totalidade. Quanto às sugestões de pesquisa, futuros estudos podem avaliar o comportamento da geração e distribuição da renda agregada em outros setores da economia nacional, buscando demonstrar

o comportamento do valor agregado antes e durante períodos de crise.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. C.; MENDES, V. L. P. S. Comunicação organizacional e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na gestão hospitalar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 4, p. 138-155, out/dez, 2016.

ALMEIDA, N. S. *et al.* A utilização da Demonstração do Valor Adicionado na análise da produção e distribuição de riqueza entre os *stakeholders*: um estudo de caso da Petrobras. **Revista de Informação Contábil**, v. 3, n. 1, p. 134-148, jan/mar, 2009.

ANJOS, L. P. DOS. **Impacto da pandemia de Covid-19 na economia brasileira: uma abordagem com modelo DSGE**. 2021. Dissertação (Mestrado em Economia) - Escola de Economia de São Paulo, São Paulo, 2021.

ARAÚJO, P. M. C. DE G.; BOHOMOL, E.; TEIXEIRA, T. A. B. Gestão da enfermagem em hospital geral público acreditado no enfrentamento da pandemia por COVID-19. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 192-195, 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HOSPITAIS PRIVADOS. **Nota técnica observatório ANHP**. Disponível em: <https://conteudo.anahp.com.br/observatorio-2020>. Acesso em: 17 de julho 2022.

BASTOS, H. F. C. **COVID-19: O efeito econômico da pandemia de COVID-19 no estado do Pará**. 2021. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

BATISTA, A. T. N.; SANTIAGO, W. D. P.; MACEDO, L. A. DE M. Análise dos padrões distributivos da riqueza no Brasil a partir de companhias de capital aberto – 2008 a 2016. **ForScience**, Minas Gerais, v. 7, n. 1, p. 1-23, 2019.

BOSCOV, C.; BISPO, J. S. A comparação da distribuição de riqueza gerada entre os setores de serviço, comércio e indústria. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 10, n. 17, p. 59-70, 2010.

CARDOSO, R. C.; TRISTÃO, P. A. O impacto da Pandemia do COVID-19 nos indicadores econômico-financeiros e retorno das ações no setor de hotelaria: estudo de caso na Rede de Hotéis Othon. **Navus**, Santa Catarina v. 11, p. 01-14, 2021.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Cenário dos Hospitais no Brasil**. Disponível em: [https://www.fbh.com.br/wp-content/uploads/2021/04/Cenarios\\_2020.pdf](https://www.fbh.com.br/wp-content/uploads/2021/04/Cenarios_2020.pdf) Acesso em: 17 julho 2022.

CORSI, D. P. **A importância da Demonstração do Valor Adicionado como um instrumento para análise – um estudo da DVA dos bancos**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

COSTA, C. L. DE O.; GUIMARÃES, T. R.; MELLO, L. C. DE B. Os possíveis benefícios gerados pela obrigatoriedade da publicação da Demonstração do Valor Adicionado pelas empresas de capital aberto. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis**

da UERJ, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 77-93, 2013.

CUNHA, J. V. A. DA; RIBEIRO, M DE S.; SANTOS, A. DOS. A Demonstração do Valor Adicionado como instrumento de mensuração da distribuição da riqueza. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 16, n. 37, p. 7-23, 2005.

FERNANDES, R. B.; TAVARES, A. L.; AZEVEDO, Y. G. P. Relação entre o valor adicionado das atividades econômicas e o Produto Interno Bruto do Rio Grande do Norte. **RACE**, Joaçaba, v. 17, n. 2, p. 757-782, maio/ago., 2018.

HOSSER, C. *et al.* Demonstração do Valor Adicionado (DVA): distribuição das riquezas das empresas listadas nos níveis 1 e 2 da B3. **SINERGIA – Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis**, Rio Grande do Sul, v. 24, n. 2, p. 9-22, 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR. **Relatório do emprego na cadeia produtiva da saúde.** Disponível em; <https://www.iess.org.br/biblioteca/periodico/relatorio-de-emprego/58o-relatorio-de-emprego>. Acesso em: 17 julho 2022.

INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR. **Relatório do emprego na cadeia produtiva da saúde.** Disponível em; <https://www.iess.org.br/biblioteca/periodico/relatorio-de-emprego/58o-relatorio-de-emprego>. Acesso em: 17 julho 2022.

LIMA, P. A. M.; GÓIS A. D.; LUCA, M. M. M. DE. Associação entre a Distribuição da Valor Adicionado e a identidade do acionista. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 18, n. 3, p. 66-84, 2015.

LIMA, P. A. M.; GÓIS A. D.; LUCA, M. M. M. DE. Associação entre a Distribuição da Valor Adicionado e a identidade do acionista. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 18, n. 3, p. 66-84, 2015.

LONDERO, P. R.; STANZANI, L. M. L.; SANTOS, A. DOS. Uma análise da contribuição econômica e social das cooperativas agropecuárias brasileiras pela Demonstração do Valor Adicionado. **Revista de educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, v. 3, n. 3, art. 4, p. 291-309, jul./set., 2019.

MACHADO, M. A. V.; MACEDO, M. A. DA S.; MACHADO, M. R. Análise da relevância do conteúdo informacional da DVA no Mercado Brasileiro de Capitais. **Revista Contabilidade e Finanças**, v. 26, n. 67, p. 57-69, 2015.

MARCELINO, J. A.; SANTOS, D. DOS S.; GOUVEIA, G. V. C. Análise da distribuição da riqueza gerada por meio da Demonstração do Valor Adicionado. **Caderno de Ciências Sociais Aplicadas**, Bahia, v. 18, n. 32, p. 191-201, 2021.

MASSUDA, A.; TASCA, R.; MALIK, A. M. Uso de leitos hospitalares privativos por sistemas públicos de saúde na resposta à COVID-19. **Saúde Debate**, v. 44, n. 4, p. 248-260, 2020.

MAZZIONI, S. *et al.* Influência das características organizacionais na forma de distribuição da riqueza gerada. **Revista Enfoque: Reflexão Contábil**, Maringá, v. 39, n. 1, p. 21-40, 2020.

MEDEIROS, G. G. DE. **Os efeitos financeiros no sistema do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN)**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MIRANDA, G. N. V.; MARTINS, H. C.; OLIVEIRA, R. R. Comportamento Organizacional em Redes no Brasil: um estudo no Setor Hospitalar. **Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales (REDES)**, v. 27, n. 2, p. 90-108, 2016.

MORENO, J. C. *et al.* Análise da geração e Distribuição da Riqueza através da Demonstração de Valor Adicionado no Setor de Construção do Brasil. **Revista Eletrônica do Departamento de Ciências Contábeis & Departamento de Atuária e Métodos Quantitativas da FEA (REDECA)**, São Paulo v. 6, n. 1, p. 157-178, 2019.

MOURA, L. DE A.; PEREIRA, M. DE L.; BEZERRA, E. S. Relação entre os valores de benefícios concedidos a colaboradores e desempenhos financeiros: uma análise com foco na DVA de empresas do IBRX-100. **Revista ENIAC Pesquisa**, v. 9, n. 1, p. 54-70, 2020.

NASCIMENTO, E. L. L. *et al.* Evolução e características da avaliação do desempenho hospitalar: uma revisão de literatura. **Revista de gestão em Sistemas de Saúde (RGSS)**, v. 9, n. 3, p. 454-478, 2020.

PEREIRA, T. M. DA F. *et al.* A Contabilidade Gerencial e a importância para a tomada de decisões nas organizações: uma análise qualitativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. 1-16, 2021.

PINTO, LO. F. V.; NOSSA, V.; TEIXEIRA, A. Inovação: estratégia de competitividade e sustentabilidade na gestão hospitalar. **Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 13, n. 3, p. 216-243, set./dez., 2015.

RESENDE, M. F. DA C.; TERRA, F. H. B. Ciclo, crise e retomada da economia brasileira: avaliação macroeconômica do período 2004-2006. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 469-496, 2020.

RODRIGUES, R. O. F.; OLIVEIRA, K. C. DE; SOUSA, J. M. B. DE. Desempenho na Distribuição de Riqueza Medida por meio da DVA do Setor Petrolífero Brasileiro. **Revista Controladoria e Gestão**, Sergipe, v. 1, n. 2, p. 176-195, 2020.

SALOTTI, B. M.; SANTOS, A. Ativos biológicos na DVA: análise da divulgação no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 9, n. 23, p. 14-23, 2015.

SANTOS, A. *et al.* A economia das empresas nos governos FHC e Lula: uma análise a partir da Demonstração do Valor Adicionado. **Revista de Contabilidade e Controladoria**, v. 5, n. 1, p. 47-64, 2013.

SILVA JUNIOR, A. DA. *et al.* Demonstração do Valor Adicionado na Instituição de Educação Superior: Evidências do Mercado de Capitais Brasileiro. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, Florianópolis, v. 10, n. 4, p. 22-46, Edição Especial, 2017.

SILVA, A. C. M. *et al.* Criação e distribuição de valor na indústria cearense de alimentos:

estudo nas companhias listadas na Bovespa no período (2008-2014). **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 7, n. 13, 2018.

SILVA, B. I.; CORREIA, J. J. A.; SANTOS, R. R.; SILVA, L. M. Nível do conhecimento dos discentes de Ciências Contábeis acerca da elaboração e utilização da Demonstração do Valor Adicionado. **RAGC**, v.8, p.48-63, 2020.

SILVA, J. F.; RIBEIRO, A. W. A.; FERNANDES, A. J.; SILVEIRA, F. A.V. Verificação da geração e distribuição de riqueza das empresas de seguros brasileiras no período de 2015 a 2017. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 17, n. 1, p. 129-147, jan./abr., 2020.

SILVA. M. J. R.V.; OLIVEIRA, E.; GONZALES, A. Demonstração do Valor Adicionado (DVA): o retorno econômico das empresas do agronegócio no biênio 2017 e 2018 listadas na B3 em relação à distribuição da riqueza aos agentes econômicos. **Revista Fatec Zona Sul**. ed.27, v. 7, n. 3, p. 34-53, fev, 2021.